

PAISAGEM CULTURAL - BEM MATERIAL: CONCEITUALIZAÇÕES E RELAÇÃO COM O TURISMO CULTURAL¹

Franciele Bandeira Figueiredo²

Universidade de Caxias do Sul – UCS

Resumo

O artigo é baseado em pesquisa bibliográfica e seu objetivo é o de refletir sobre o tema paisagem cultural como bem material e sua relação com o turismo cultural. O estudo oferece uma base conceitual abordando autores de diversas áreas, como: Rodríguez (2003); Santos (2002); Barretto (2000); Funari (2006); Castrogiovanni (2003); Yázigi (2002); McDowell (1996) complementado pela análise dos conceitos de bem material e turismo cultural. Ressalta-se que o tema paisagem cultural é recente, e os estudos disponíveis concentram-se, prioritariamente nas áreas da geografia e antropologia. Sendo o fenômeno do turismo multidisciplinar é relevante que os estudos nessas áreas afins. É possível propor que a paisagem cultural pode ser vista como um notável recurso turístico, desvendando objetos por meio do observador.

Palavras-chave: Turismo; Turismo Cultural; Paisagem Cultural; Bem Material.

Introdução

O fenômeno turismo nasce de um conjunto de atividades diversas, não dispõe de ordenamento disciplinado e rígido, por isso vem a cada momento sofrendo alterações, sobre uma gama de aspectos da sociedade, da cultura, onde todos os fatores são reproduzidos na vida cotidiana.

O turismo não envolve apenas o setor econômico de uma sociedade. Ele atua em outras esferas como: a cultura, o meio ambiente, o social, isso demonstra como o fenômeno é abrangente e multidisciplinar, permitindo verificar, estudar outros fenômenos sociais seja na academia ou mercado.

Autóctones e turistas mesclam-se no mesmo lugar, em maior ou menor grau em relação à paisagem. Para a compreensão de qualquer objeto requer o resgate de sua gênese e o estudo de sua evolução.

¹ Trabalho apresentado ao GT “Turismo e Patrimônio Cultural” do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006.

² Mestranda em Turismo da Universidade de Caxias do Sul - UCS, Especialista em Gestão e Desenvolvimento Sustentável do Turismo da Universidade de Caxias do Sul – NUCAN, Graduada em Turismo pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Endereço eletrônico: <francibf@terra.com.br>.

Neste sentido o estudo tem por objetivo realizar uma revisão bibliográfica sobre a temática paisagem cultural, que atualmente é estudada pela geografia, antropologia e também pelo turismo. O conceito de Paisagem Cultural encontra-se inserida no Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) como bem material, a partir de legislação específica:

Decreto-lei nº 25 de 30 de novembro de 1937 equipara o patrimônio natural ao patrimônio histórico e artístico nacional, tornando monumentos naturais como Jardins e Paisagens, bem como os agenciados pela indústria humana, como os parques, passíveis de tombamento, uma vez que o objetivo seja conservar e proteger a feição notável que possuam. Um jardim histórico é uma composição arquitetônica e vegetal que, do ponto de vista da história ou da arte, apresenta, um interesse público e como tal é considerado monumento (SITE IPHAN, 2008).

Será apresentado, inicialmente, os conceitos de paisagem cultural e bem material, seguido pelo conceito de turismo cultural, para posterior análise das possíveis relações entre ambos os assuntos e sua importância de interação.

Paisagem Cultural

A palavra paisagem, de uso cotidiano, tem no contexto cultural, um sentido mais delimitado colocando em destaque as relações entre o ser humano e o meio ambiente. O meio ambiente natural deixa de ser natural e passa a ser um espaço cultural modificado pelo trabalho do homem.

O conceito de paisagem cultural é utilizado pela [...] UNESCO desde a convenção de 1972 e tem como objetivo o reconhecimento de porções singulares dos territórios [...] (Site Iphan, 2008).

A inter-relação entre a cultura e o meio ambiente natural confere à paisagem uma identidade singular, o ir e vir de um grande número de pessoas num determinado território provoca modificações na paisagem e na vida cotidiana.

A característica fundamental é a ocorrência de uma divisão territorial do convívio ímpar entre a natureza, os espaços construídos, os modos de produção e as atividades sociais e culturais.

A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem

cultural é o resultado. [...] A paisagem é a marca, a expressão cultural. É a marca da cultura porque as bases na qual se sustenta a cultura, expressando as características das civilizações (RODRÍGUEZ, 2003, p.130).

A valorização da paisagem depende em grande parte da cultura de cada povo, suas experiências, sentimentos e interesses, além de contar sobre a sociedade nela estabelecida.

Segundo opinião de Luiz Fernando de Almeida (2007, p.1) “o conceito de paisagem cultural, originário da Convenção da UNESCO de 1972, foi concebido para responder à crescente complexidade da sociedade contemporânea e a velocidade cada vez maior dos processos sociais e econômicos”.

Estes exigem não só a utilização de um conjunto maior de instrumentos de planejamento urbano, ambientais, jurídicos e tributários para preservar estes bens, valores e manifestações culturais, mas também um novo perfil dos gestores, planejadores e da população.

Para que a paisagem cultural se configure, esses fatores devem guardar uma relação complementar entre si, capaz de estabelecer uma identidade que não possa ser conferida isoladamente.

Luiz Fernando de Almeida (2007) ainda destaca que ao estabelecer o contorno de uma paisagem cultural, suas principais características e atividades, estamos reconhecendo e outorgando valor a um sistema de processos e práticas que, para manter esta qualidade, não precisa ser imutável, mas observar preceitos e normas que impeçam sua descaracterização, sem restringir sua evolução.

Assim, a qualidade da paisagem na medida que pode ser considerada patrimônio preservável, não deixa de ser um capital investido, do maior interesse do grupo social.

Segundo Morandi e Gil (2000, p. 18) “do ponto de vista da Geografia, a paisagem é o aspecto visível do espaço geográfico, ou seja, o que vemos no limite circunscrito por nosso campo visual”. Santos (2002, p. 103) já inclui outra relação o território “quando se fala em paisagem, há, também, referência à configuração de território”. A paisagem é conjunto de objetos reais concretos é “transtemporal”, unindo objetos passados e presentes, em uma construção.

Para Corrêa e Rosendahl (2004, p. 57) “a paisagem cultural é a área geográfica em seu último significado. Suas formas são todas as obras do homem que caracterizam a paisagem”.

A geografia não se restringe somente a este conceito de campo visual, mas também a outros fatores.

A qualidade visual intrínseca do território reside nos elementos naturais ou artificiais que compõem. Estes elementos perceptíveis à visão e por ela discriminados representam a desagregação do território nos seus grandes componentes paisagísticos: o relevo, a água, a vegetação e as atuações humanas. Cada um destes componentes aparece diferenciado diante do observador por suas propriedades visuais particulares que são forma, cor, linha, textura e ainda espaço e escala (PIRES, 2002, p. 161).

Sendo assim, a paisagem deixa de ser considerada apenas um limite estético para se tornar um recurso, com importância em meio ao conjunto dos recursos naturais e culturais aproveitáveis pelo ser humano, é um sistema dinâmico com estrutura espacial.

Neste estudo destacamos a paisagem cultural entendida sob outro fator, não apenas de unidade visível espacial, onde a visão alcança, mas também, como expressa Castrogiovanni (2003, p. 46) “[...] que tem memória, que compreende e só é compreendida através do processo histórico”.

A paisagem cultural apresenta um caráter social, formado por movimentos impostos pelo trabalho de grupos, pelas trocas culturais, pelo imaginário coletivo que envolve o mundo.

Contemplada de longe, ou de perto, envolvendo o observador, a paisagem tem o poder de despertar sentimentos e emoções, não são neutras, mas refletem a maneira de ver o mundo, ela é portadora de significados, expressando valores, crenças, mitos e sonhos, tendo assim uma dimensão simbólica.

A paisagem não é um suporte passivo, mas uma existência ativa, integrante e testemunha de uma dinâmica cultural que se constrói no tempo e se manifesta no espaço.

Para Rodrigues (1999, p. 26) “o espaço se reveste, então, de visões simbólicas, formadas não por um projeto de reconstrução objetiva do mundo, mas por sonhos ou por arquétipos culturais subliminares [...]” é o referencial de experiência vivida, com significados.

Rodrigues (1999, p. 47) destaca que “[...] ler a paisagem é muito mais complexo do que o ver e perceber a paisagem. Envolve uma visão de mundo, consciente e inconsciente, sempre subjetiva e permeada pelo imaginário”.

Santos (2002, p. 103) expressa que “a paisagem é o conjunto de formas que,

num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”.

A paisagem é a forma espacial presente, indício de formas passadas que podem ou não continuar, ao ler-se a paisagem, toma-se contato com o campo visual do observador, sua experiência anterior, sua carga de vida. A formação da paisagem não é atribuída a tomadores de decisão humanos, mas, à própria cultura, resulta da ação, ao longo do tempo, da cultura sobre a paisagem natural.

Conforme McDowell (1996, p. 159) ressalva que:

[...] estudos do significado de paisagens e a construção social de identidades baseadas em lugares, ela cobre numerosas questões. Seu foco inclui a investigação da cultura material, costumes sociais e significados simbólicos, abordados a partir de uma série de perspectivas teóricas.

Um conceito mais ambivalente que não é possível representar, seja no discurso científico ou em estatísticas sociais, algo que é vivenciada ou imaginada pelo observador. Toda paisagem tem uma individualidade, bem como uma relação com outras paisagens, e está sujeita à mudança seja pelo desenvolvimento da cultura ou sua transformação.

Todas as definições de paisagem partem do ponto de vista de quem a contempla e a analisa, como se a paisagem não existisse sem alguém que a observasse. Desde que o observador é um sujeito, o conceito de paisagem é impregnado de conotações culturais e ideológicas. (RODRIGUES, 1999, p. 45).

Mas, a paisagem não é só aquela construída pela intervenção do homem. É também o cenário que se oferece ao olhar familiarizando-se com o que está a sua frente e, de alguma forma, incorpora ao modo do ser humano o cenário percebido, é uma entidade que se transforma com o espaço, que se transforma com a história.

Conforme exposto na introdução, paisagem cultural está classificada pelo Iphan, como bem material. Este segmento tem legislação específica para fins de outorgar estes bens patrimoniais.

O patrimônio material protegido pelo Iphan, com base em legislação específica é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza nos quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis e móveis (SITE IPHAN, 2008).

Para Funari e Pelegrini (2006, p. 20) “[...] o patrimônio é entendido como um bem material concreto, um monumento, um edifício, assim, como objetos de alto valor material e simbólico para nação”. Neste contexto inseriram-se as paisagens culturais.

Pela complexidade do assunto, nota-se que a valorização dos centros históricos não poderia estar separada da apreciação do contexto territorial e da paisagem.

Isto é, a problemática da cultura, o domínio cultural, tudo isso diz respeito à produção, armazenamento, circulação, consumo, reciclagem. Mobilização e descarte de *sentidos*, de *significações*. Por conseqüência, diz respeito, igualmente, aos *valores*. Por certo, não estamos falando de sentidos e de valores abstratos, em si, mas de sua inserção num circuito de vida social (MENESES, 2002, p. 86).

Conforme Santos (2002, p. 103) “a paisagem é, pois, um sistema material e imutável [...] é apenas uma abstração, apesar de sua concretude como coisa material. Sua realidade é histórica e lhe advém de sua associação com o espaço social”.

Sim, a paisagem é um bem material, no caso concreto e tangível, porém é necessária a relação histórica da mesma, a paisagem é história congelada, mas participa da história viva.

Para Meneses (2002, p. 93) “[...] patrimônio cultural, portanto, para ser identificado e entendido, carece de conhecimento sobre os circuitos de produção e consumo de sentido e valor, numa sociedade (e não, prioritariamente, do levantamento e reconhecimento de traços empíricos a *priori* categorizados como culturais)”. A sociedade deve estar relacionada com este patrimônio, vivendo no seu cotidiano.

O conceito de turismo cultural vem se transformando e se adaptando às novas exigências uma evolução paralela do conceito de patrimônio, no qual considera cada vez mais um número maior de fatores.

Atualmente, há consenso de que a noção de patrimônio cultural é muito mais ampla, que inclui não apenas bens tangíveis como também os intangíveis, não só as manifestações artísticas, mas todo o fazer humano, e não só aquilo que representa a cultura das classes mais abastadas, mas também o que representa a cultura dos menos favorecidos (BARRETTO, 2000, p. 11).

Neste contexto o turismo cultural ganha valor como fator de integração entre o patrimônio cultural e a sociedade. Barretto (2000, p. 19) “[...] entende por turismo cultural todo turismo em que o principal atrativo não seja a natureza, mas algum aspecto

da cultura humana”. Pode ser a história, o artesanato, a música ou qualquer aspecto que comporta o conceito de cultura, indiferente se a procura é pela cultura passada ou atual.

Turismo cultural e patrimônio são duas realidades intimamente ligadas, que nem sempre apresentam interesses comuns, apesar de se desenvolverem de forma dependente.

Para que se tenha turismo cultural é necessário que haja a preservação do patrimônio. Vivemos em um período no qual a publicidade invade, influência, cada vez mais o comportamento da sociedade, criando a necessidade do consumo seja por bem material ou imaterial.

Nesta cultura ocidental globalizada, que busca entretenimento a todo custo, é fundamental tocar a emoção, provocar as pessoas, estimular novas formas de ver e apreciar.

Segundo Silveira (2002, p. 37) a “[...] produção material dos lugares é causa e conseqüência da produção imaterial do turismo. Assim, o lugar turístico torna-se um produto de ciência e da tecnologia, com um conteúdo informacional e ideológico, que é capitalisticamente comercializado”.

Com isto, o setor de turismo tem grande responsabilidade sobre os produtos culturais oferecidos, para que possamos aglutinar todas as formas culturais. Gastal (2002, p. 121) acrescenta que “a cultura apropriada pelo turismo é a cultura que gera produtos e manifestações concretas, sejam elas eruditas ou populares”, e complementa que “é necessário que a cultura deixe de ser apresentada exclusivamente do ponto de vista do lugar, do sedentário, como algo acabado, como produto a ser assimilado/consumido”. (GASTAL, 2002, p. 127).

A pluralização cultural, se aliada a fatores inovadores permite encaminhar teorizações sobre o cotidiano, as manifestações, as características dos turistas em relação ao produto cultural em situações sociais que diferem das de origem territorial.

O certo é que não é mais possível ver o turismo de forma geral e sim com suas especificidades e segmentações que cada público procura. O turista vai ao encontro do real, embora ele mesmo acabe separando a paisagem do entorno e reconstruindo esta a sua própria cultura, ao seu ver.

A valorização do meio ambiente natural ou urbano, da história, dos saberes e fazeres culturais contribui para a diversificação do produto, abrindo mercados para diferentes nichos turísticos.

Conforme Castrogiovanni (2003, p. 46) “é por intermédio dos lugares que ocorre a comunicação entre os homens e, portanto, com o mundo. Só há trocas se ocorrerem diferenças. Cada lugar, mesmo globalizado, deve ser único para dar sentido à existência do sujeito e, portanto, do turista”. Para Barretto (2000, p. 23) “[...] pode-se dizer que o turista é essencialmente uma pessoa que procura conhecer, passear, desfrutar de outro lugar diferente daquele em que mora”.

A utilização do patrimônio cultural pelo turismo requer responsabilidade e conhecimento amplo desses bens por todos os envolvidos, desde gestores, planejadores, até a comunidade local. Nestes tempos em que o homem só pensa em si mesmo, também pensa no turismo para definir ações que o transforme em base de conhecimento.

Conforme Pires (2001, p. 53) “o profissional de turismo terá de saber lidar com muitas informações de diversas ciências sem, contudo, ser especialista em nenhuma delas, necessitando, portanto, de auxílio de especialistas das áreas afins”.

Esta é a questão chave para o atual profissional de turismo, a diversidade da cultura, está em que apresenta sempre uma constante transformação. Sendo que o desenho da paisagem em todas as suas dimensões e na interação entre elas, constitui um componente essencial do planejamento multidisciplinar.

Considerações finais

A partir da bibliografia estudada e analisada para este estudo fica em evidência a importância do aprofundamento de estudos no que diz respeito ao patrimônio material e a paisagem cultural. Multidisciplinarmente já são significativos os estudos, mas na área do turismo, ainda, são muito recentes.

Desde já é possível arriscar que a paisagem é um notável recurso turístico, desvendando alguns objetos e escondendo outros, por meio da posição do observador, quando pretende encantar ou seduzir.

O novo conceito de paisagem, valoriza como parte da dialética entre essência o espaço em sua múltipla visão do mundo material, mundo mental e mundo da informação e aparência. Ele serve de base, não só para o desenho dos novos espaços turísticos, também para a revalorização das ofertas, para a criação de um verdadeiro turismo de paisagem, que permita integrar e articular os variados aspectos do turismo (RODRÍGUEZ, 2003, p. 129).

O planejador de turismo requer a responsabilidade para intervir conscientemente e profissionalmente para que o patrimônio, as tradições possam ser transformadas num produto turístico de qualidade, usufruído pelo turista e pela comunidade local, além de definir modelos que situam a multiplicidade da globalização num quadro mais elaborado de descrição, articulação, dos fenômenos e dos objetos turísticos do mundo atual.

Para Yázigí (2002, p. 134) “[...] a paisagem interessa antes a seus próprios habitantes e que só numa relação de estima deles com ela é que despertará o interesse de transeuntes, visitantes, turistas”.

Atualmente, a paisagem é vista não mais como um simples entorno estético da atividade humana, mas sim como um recurso e um bem cultural com importância crescente em meio ao conjunto de valores ambientais.

Se para o turismo a paisagem muitas vezes é o fator determinante para a escolha de um destino de viagem e lazer, esta mesma atividade pode modificá-la sensivelmente, uma vez que a oferta turística importa numa série de facilidades, equipamentos e infra-estrutura para atender a demanda e as necessidades de uma concentração humana crescente. (PIRES, 2002, p. 176).

Se a razão do turista é o deslocamento de movimento voluntário das pessoas de um lugar para outro, então o turismo pode ser concebido como uma experiência geográfica de espaço, na qual a paisagem se constitui um elemento essencial.

Conforme Santos (2002, p. 106) “o seu caráter de palimpsesto, memória viva de um passado já morto, transforma a paisagem em precioso instrumento e trabalho, pois, essa imagem imobilizada de uma vez por todas permite rever as etapas do passado numa perspectiva de conjunto”.

É nesta perspectiva que o turismo deverá se aliar, a este poderoso produto que é a paisagem, sendo a relação com a imigração das regiões é um fator relevante na motivação dos turistas.

Manter algum tipo de identidade – étnica, local ou regional – parece ser essencial para que as pessoas se sintam seguras, unidas por laços extemporâneos a seus antepassados, a um local, a uma terra, a costumes e hábitos que lhes dão segurança, que lhes informem quem são e de onde vêm, enfim, para que não se percam no turbilhão de informações, mudanças repentinas e quantidade de estímulos que o mundo atual oferece (BARRETTO, 2000, p. 46).

A constituição de comunidades imigrantes em um novo território leva à construção de novas expressões culturais, a partir das vividas em seu país de origem, pois sofreram um processo de mudança, isto é, passaram a incluir novos saberes e fazeres, motivados pelas diferenças de clima, de solo e de relevo. É a maneira de ver, uma maneira de compor e harmonizar o mundo vivido com a situação atual expressando seu passado.

O conhecimento da paisagem supõe a inclusão de seu funcionamento na sociedade, ela é testemunha da sucessão dos meios de trabalho, um resultado histórico acumulado.

São as culturas que se desenvolvem com força a partir da paisagem natural, a qual cada uma está ligada por sua existência na união dos elementos físicos e culturais da paisagem, constituindo as expressões próprias de uma sociedade.

A partir desta visão que alguns sítios brasileiros passaram a ser protegidos pelo Iphan, que destaco neste estudo. O trabalho que o Iphan vem administrando em relação às paisagens culturais, até o momento são dois pedidos oficiais já apresentados, são eles: Paisagem Cultural Catarinense (SC) e da Região de Canudos (BA).

Paisagem Cultural Catarinense, insere-se no conjunto de ações do Iphan/MinC voltadas à valorização da identidade brasileira, Santa Catarina será o primeiro estado a implementar o projeto. É uma região povoada por imigrantes da Alemanha, Áustria, Hungria, Itália, Polônia, Portugal, Ucrânia e de outros países da Europa. Segundo o Iphan são populações que preservam tradições, hábitos e costumes trazidos de suas regiões de origem, estes fatores asseguram a possibilidade e o desenvolvimento do projeto Roteiros Nacionais de Imigração. Consulta ao site do Ministério da Cultura, (2008).

Quanto a Região de Canudos (BA), foi entregue ao Iphan o pedido oficial para proteção desse sítio. O arraial de Canudos ficava em um Vale, hoje inundado pelo açude de Cocorobó, sobrou apenas o material arqueológico no fundo do lago e, fora dele, alguns vestígios do assentamento do exército.

A partir disso o Iphan chegou à conclusão de que seria necessário preservar a história local por meio de outros instrumentos, como o reconhecimento da região como paisagem cultural brasileira. (Consulta ao site da Revista Museu, 2008).

A partir destes sítios, dos traços de paisagem, é possível identificar a

contribuição das diferentes etnias que ali se estabeleceram, seja ela alemã, italiana, polonesa em relação a Paisagem Catarinense ou indígena e brasileira para Paisagem de Canudos.

O planejamento do turismo cultural não deve ser baseado somente no que já existe, na mera exploração do patrimônio, é necessário que exista uma capacidade de inovar, criando uma oferta cultural dinâmica com base na paisagem cultural, devendo apontar soluções alternativas, em que reconheçam as reais necessidades do outro, a serem incorporadas no produto.

De acordo com Yázigí (2002, p. 136) “tenho uma nesga de esperança no turismo, porque se trata de uma atividade que, se bem conduzida, poderá promover a paisagem, ao contrário de muitas outras ações do homem”.

A história e o futuro estão na paisagem.

Referências:

- ALMEIDA, Luiz, Fernando de. Opinião: **O futuro é a paisagem**. In: O Globo. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/noticias>> Acesso em: 13 nov. 2007.
- BARRETTO, Margarita. **Turismo e legado cultural**: as possibilidades do planejamento. Campinas: Papyrus, 2000.
- CASTROGIOVANNI, Antonio, Carlos. Turismo X Espaço: reflexões necessárias na pós-modernidade. In: GASTAL, Susana; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. (Orgs.) **Turismo na pós-modernidade (des) inquietações**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.p. 43 – 50.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.
- FUNARI, Pedro, Paulo; PELEGRINI, Sandra, de Cássia, Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- GASTAL, Susana. Turismo & Cultura: por uma relação sem diletantismos. In: GASTAL, Susana. (Org.) **Turismo**: 9 propostas para um saber – fazer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p.117- 130.
- MCDOWELL, Linda. A transformação da geografia cultural. In: GREGORY, Derek; MARTIN, Ron; SMITH, Graham. (Orgs). **Geografia humana**: sociedade, espaço e ciência social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 159 – 188.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Os “usos culturais” da cultura: contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; DA CRUZ, Rita de Cássia Ariza. (Orgs). **Turismo – espaço, paisagem e cultura**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 88 - 89.
- MORANDI, Sonia; GIL, Izabel Castanha. (Orgs). **Espaço e turismo**. São Paulo: Copidart, 2000.
- PIRES, Paulo dos Santos. Paisagem litorânea de Santa Catarina como recurso Turístico. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; DA CRUZ, Rita de Cássia Ariza. (Orgs). **Turismo – espaço, paisagem e cultura**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 161 – 177.

PIRES, Jorge, Mário. **Lazer e turismo cultural**. São Paulo: Manole, 2001.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. *Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

RODRÍGUEZ, José Manuel Mateo. La Idea Del paisaje en el turismo de las sociedades pos modernas, retos y alternativas. In: CAPACCI, Alberto. (Org). *Paisaje, Ordenamiento Territorial y Turismo Sostenible*.– Brigati – Genova 2003. p. 125 – 133.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2002.

SILVEIRA, Maria Laura. Da fetichização dos lugares à produção local do turismo. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri. (Org). *Turismo, modernidade, globalização*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.p. 36 – 45.

Site Iphan. Site do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br>> Acesso em 03 jan. 2008.

Site do Ministério da Cultura. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/noticias>> Acesso em 03 de jan. de 2008.

Site Revista Museu. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/noticias>> Acesso em 03 jan. 2008.

YÁZIGI, Eduardo. Vandalismo, Paisagem e Turismo no Brasil. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; DA CRUZ, Rita de Cássia Ariza. (Orgs). **Turismo – espaço, paisagem e cultura**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 133 – 155.